

De Paula Ferreira, Vicente

Eros e Ágape: a evolução das pulsões humanas à luz da cristologia

VI Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología
“El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”
Facultad de Filosofía y Letras y Facultad de Teología – UCA
Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central “San Benito Abad”. Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

De Paula Ferreira, Vicente. “Eros e Ágape : a evolução das pulsões humanas à luz da cristologia ” [en línea]. Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología “El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”, VI, 17-19 mayo 2016. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras. Facultad de Teología ; Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología, Buenos Aires. Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/eros-agape-evolucao-pulsoes-humanas.pdf> [Fecha de consulta:]

Eros e Ágape: a Evolução das Pulsões Humanas à Luz da Cristologia

Vicente de Paula Ferreira

Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Bolsista do PNPd/Capes na FAJE, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte, MG, Brasil.

pe.vicente@yahoo.com.br

Introdução

A antropologia pós-moderna é marcada pela busca de compreensão de uma subjetividade em metamorfose, principalmente no que diz respeito à alteridade enquanto horizonte de sentido e realização existencial. Diante do enfraquecimento das pretensões de leituras unitárias metafísicas sobre a verdade, o progresso, a natureza, o tempo atual apresenta ao ser humano a pluralidade hermenêutica. Se no início do declínio da modernidade configurava-se a suspeita pelas verdades totalitárias, atualmente a vulnerabilidade contemporânea ganhou o campo também da corporeidade. A contemporaneidade caracteriza-se como época do sujeito que, de um lado, é alérgico à verdade enquanto princípio de correspondência, inibidora da liberdade humana e, por outro lado, ao compreender-se como essencialmente relacional, enfrenta instâncias de domínio e de poder que continuam inibindo a realização intersubjetiva ancorada no amor fraterno.

Voltar-se ao tema da relação entre Amante e Amado, ganha importância no presente trabalho, precisamente na tentativa de colher, no tecido antropológico, o elemento do amor enquanto constituinte da espécie humana. Para tanto, será proposto *Eros* como hálito da vida que, doado ao ser humano, permanece matéria prima que impulsiona o exercício da liberdade na continuidade de uma criação inacabada. Voltar a tais elementos, propondo que eles participam de processos evolutivos, como movimento poiético, construção existencial que se dá na relação, é objetivo importante deste trabalho.

Desse modo, mostrar como a Literatura e a Teologia ocupam lugares de destaque na concepção do ser humano enquanto relação entre Amor e Amado, fornecerá um precioso

material com o qual a Teologia deve dialogar. O poeta e a pessoa de fé concebem o espaço de criação dialogal como mistério que somente pode ser nomeado a partir da profunda convicção de que qualquer palavra sobre o mesmo é exercício encarnado da liberdade, caminho que não aconteceria sem a consciência de ser dom e tarefa, processo que possibilita *Eros* ser *Ágape*, em forma de doação da vida. No entanto, sem *Ágape*, entendido como nome de Deus, que é contínuo convite ao ser humano para que não se perca nossos excessos de egoísmo, *Eros* careceria de suporte, ou seja, a perspectiva de sustentabilidade e de abertura escatológica, que Deus, na encarnação de Jesus, revela e realiza.

1 - Clarice e Adélia: a perspectiva da alteridade divina

Adelia Prado e Clarice Lispector apresentam um vasto material poético como exemplo de produção que se descortina no contínuo diálogo com a força da vida ou, de forma explícita, com o mistério do Deus cristão. Mostram que a Literatura transpõe as barreiras do mundo fechado, propondo que o ser humano é criação e submissão. Liberdade que não existe pura, porém que vem misturada com desejos e realidade. Quando vira só desejo, padece de projeto, energia flutuante. Caso fique somente no real, corre o risco de ser pedra, endurecendo-se nas realizações categoriais. Em Clarice é possível compreender que o tecido antropológico, diante de sua finitude, suspira pela força da vida; a teopoética de Adélia, desvela a relação humana com o divino no cotidiano da existência.

Em *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice molda a busca pelo sentido quando o mesmo se depara com o vazio existencial. É possível reinventar a vida diante do fracasso? Na queda da referência de um absoluto mágico salvador, haveria a possibilidade de uma abertura para o sublime como saída de uma existência alienada em poses? Quando tudo parece drama sem sentido, brutalmente falho, vulnerabilidade explícita, a condição humana colhe radicalmente o sentido da adoração. De modo que, é no emergir da vulnerabilidade que o sujeito fechado em

sua onipotência narcísica recebe o convite a encontrar-se numa relação que o lança a sínteses existenciais mais ricas.

Contemplando esse nebuloso cenário interior, a personagem G.H. mergulha num encontro que a remete à condição inumana ao se deparar com uma barata, vinda dos escombros mais desconhecidos, que é esmagada. Junto com essa cena, a personagem se vê num amontoado de prédios como se tudo que até então maravilhava o sujeito passasse a se contorcer e desmoronar. Neste ponto, emerge a feminilidade como experiência de um vazio criativo. A barata é a hora do susto para G.H., mas também o início de uma grande epifania. A feminilidade é o encontro sincero com esse “não se bastar”, remetendo a onipotência imaginária ao encantamento que é adoração. “Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro”. (Lispector 179).

Por isso, se a culpa amesquinha, a reverência ao divino enaltece. O sujeito que se põe em movimento de abertura à vida como graça que se lhe escapa, não o faz de forma passiva, mas na entrega construtiva. Escreve a história em parceria com uma luz sempre atual que cria e re-cria a existência. Assim declara Clarice:

Mas houve um instante: não estou falando do futuro, estou falando de uma atualidade permanente. E isto quer dizer que a esperança não existe porque ela não é mais um futuro adiado, é hoje. Porque Deus não promete. Ele é muito maior que isso: Ele é, e nunca pára de ser. Somos nós que não aguentamos essa luz sempre atual, e então a prometemos para depois, somente para não senti-la hoje mesmo e já. O presente é a face hoje do Deus. O horror é que sabemos que é em vida mesmo que vemos Deus. E se adio a face da realidade para depois de minha morte – é por astúcia porque prefiro estar morta na hora de vê-Lo e assim penso que não O verei

realmente, assim como só tenho coragem de verdadeiramente sonhar quando estou dormindo (Lispector 148).

A experiência deste presente divino como alteridade, da relação entre Amor e Amado enquanto constituinte existencial, manifesta-se em outra escritora como exemplo da interface entre Literatura e Teologia. Adélia Prado mostra “que na experiência do Deus cristão, *Eros* não pode estar ausente, ainda que *Ágape* deva terminar predominando e ser mais forte e preponderante” (Bingemer 263). *Eros* é a força do amor que se transforma em poesia do cotidiano, do leite e do pão. “A poesia de Adélia une sinais sagrados a sinais eróticos e, ainda mais, vai entretecendo-os, tendo como pano de fundo temático maior sua visão de mundo e sua leitura teológica e até mesmo teologal da vida e da morte” (Bingemer 264). Sua poesia se faz nos ciclos corpóreos de uma mulher que leva a sério o cuidado cotidiano e a corporeidade como lugar de uma liberdade operante que responde o tempo todo a uma graça divina.

A literatura de Adélia reflete os caminhos do ser humano como resposta a uma palavra amorosa escutada em sua radical condição de ouvinte (Ranher). E mais que ouvinte passivo a pessoa é também criadora de linguagem. Quanto mais aprofunda suas nomeações, a poesia de Adélia mergulha no sentido radical de toda palavra que é o Verbo que se fez carne, o amor que sopra o hálito da vida que move o corpo histórico em busca de novas nomeações. “Sei que Deus mora em mim como sua melhor casa. Sou sua paisagem, sua retorta alquímica e para sua alegria seus dois olhos. Mas esta letra é minha” (Prado 69).

Assim, a teopoética de Adélia se dá no corpo dialogal e desse modo é defesa do amor encarnado. Extrapola o narcisismo porque se encontra sempre diante do mistério do outro semelhante ou do Deus de Jesus Cristo. Sua obra reforça a Teologia atual que afirma que “toda tentativa de escapar e minimizar a corporeidade e a carne é tentação que descaracteriza a fé cristã em sua dinâmica histórica e encarnatória” (Bingemer 37). Trata-se de poesia que

leva a sério a corporeidade porque o Amor celeste entregou-se na terra como corpo. É na relação com Ele que se sente desdobrável em sua feminilidade, portadora de um protagonismo feminino. Paradoxalmente, é na concretude da história humana, na proximidade encarnada que o Deus revelado do cristianismo move a poesia de Adélia por se mostrar alteridade transcendente.

O Amor eterno, ágape divino, abrindo-se livremente de sua pericorese trinitária, faz surgir um ser dialogal e entra, de fato, na pessoa do Filho, nesse diálogo para ensinar que “viver a comunhão é o único aprendizado que realmente vale a pena nesta vida” (Bingemer 68). Um aprendizado que deve ser traduzido num cuidado cotidiano pelas coisas mais simples, como cuidar de uma casa, projeto que é sustentado pela radicalidade escatológica de Ágape. De outra forma, “os militantes, os padecentes, os triunfantes, seremos só amantes” (Prado 113).

2 - Eros e ágape: elementos teológicos da liberdade pulsional em evolução

As considerações anteriores oferecem base antropológica importante para um olhar teológico sobre as pulsões humanas e a vivência do amor. Notou-se que a criação concede ao ser humano a pulsão de vida, que na experiência da alteridade, cresce e amadurece. O teólogo Juan Luis Segundo toma o exemplo da psicanálise para mostrar sua tentativa de ir além das barreiras empíricas, revelando que a pulsão é criativa, dinâmica e condição de possibilidade para as construções variadas do sujeito. De modo que é o desenrolar criativo das energias que possibilita a criação da cultura ao confrontar o princípio do prazer com a realidade. Tudo isso acontece na aventura evolutiva que o sujeito, em sua onipotência infantil, convocado pelo outro, é chamada a traçar. Assim o teólogo afirma:

A finalidade da obra de Freud - o mal-estar da cultura - leva-o a passar muito rapidamente desse bebê, que só pretende a satisfação imediata,

ao homem maduro, que busca uma felicidade escorregadia entre diferentes e complexas mediações, preferentemente sociais (Segundo 207).

O que Eros revela é que ele é a energia necessária para que se desenvolva qualquer relação amorosa. Energia que somente será desenvolvida pela liberdade que conduzirá “Eros à Morte, buscando as satisfações mais fáceis e imediatas, ou levá-lo às sínteses mais ricas, apesar de mais difíceis, nas quais a vida chega a suas possibilidades mais amplas diante da morte” (Segundo 218). Então, Ágape é Eros quando busca uma vida mais plena na relação com o outro o que confirma a alteridade enquanto constituinte antropológica, abrindo-a para seu sentido mais profundo que é a experiência teológica.

Dessa maneira, para o teólogo, reconhecer as demandas do amor já impresso, nas malhas do sujeito, aponta para uma possibilidade ainda maior quando ele ganha estatuto de oblação. Por isso, entende que a singularidade do evento cristão ilumina o amor mais radical, que acontece no convite inaugural de Jesus de que é preciso amar o inimigo. Ninguém ama mais do que aquele que dá a vida pelos amigos. De modo que a relação entre Amante e Amado ganha corpo na concretude histórica, a partir de uma nova interpretação sobre o próximo. Ou seja:

A proximidade não é condicionamento do amor, mas criação do amor (Lc 10, 36-37). O próximo não é quem já está perto: é aquele que se acerca a outro. E coloca como exemplo desta criação de proximidade nada menos que aquela que une um judeu com a pessoa mais distante dele no ambiente palestino: um samaritano (Segundo 197).

Essa estrutura antropológica do amor ao próximo em sua expressão mais radical, na perspectiva teológica, somente encontra sua possibilidade de realização se Deus mesmo for concebido enquanto Amor que cria o ser humano para que esse diálogo aconteça. Isso significa que:

O Deus da Bíblia, o Deus cristão jamais se revelou aos homens, a não ser na única linguagem que eles podiam entender: naquela desse antes e depois, onde os afetos e as atuações do homem se tornam história. O Deus eterno chama os homens para dialogar com ele dentro dessa história. Sabemos que todo o universo foi criado para que esse diálogo possa existir (Segundo 544).

3- O Evento Cristão Enquanto Gratuidade de *Ágape*

Deus é amor e esse amor de Deus atua no amor ao próximo, de modo que o verbo da vida que foi apalpado, visto em sua condição histórica (1Jo 1,1), abriu o horizonte do amor para que a liberdade dos Filhos de Deus pudessem continuar amando seus irmãos. Deus, ao tornar-se *kénosis*, assume o risco de amar sem medidas, revelando que todo aquele que ama permanece n'Ele. Desse modo, o reinado de Deus, dom gratuito, é entregue ao ser humano para que seja cultivado nas circunstâncias únicas de sua vida. No coração do universo, portanto, desenvolve-se essa relação amorosa entre a gratuidade divina e a liberdade humana sempre convocada a não sucumbir-se aos atalhos das sínteses mais empobrecidas de *Eros*. A história kenótica de Jesus de Nazaré mostra que o Amor pleno é graça que age nas suas configurações categoriais, linguagem que move poesia e fé. Se Deus cria do nada, o homem cria pela força do amor.

A incompletude da criação encontra, nesta relação amorosa entre Deus e homem, sua continuidade poiética. Se no caminho da liberdade abandonada a si mesma surge a possibilidade de *Eros* se estreitar nas figuras fechadas do mundo; nos acenos de *Ágape* a liberdade é libertada para arriscar-se em sínteses mais ricas do altruísmo. Ciclos viciosos de violência ou das estreitezas egoístas encontram na graça criadora a força para avançar na construção do bem. Ainda mais ousada é a profecia de que toda obra nascida de tal relação

não somente experimenta sua redenção intra-histórica como também participa de algo definitivo em Deus.

Assim, aquilo que é específico da criaturidade, a força pulsional de *Eros*, é radicalmente marcada pelo convite ao diálogo com o Amor, *Ágape* sagrado, sem o qual não se descortina a realização da própria liberdade. A encarnação do verbo desvela essa importância de o homem assumir sua relação com o amor de Deus e buscar uma fraternidade universal, concebendo a criação do universo como ponto de partida da graça, colhendo o fato de que Deus coloca sua vida na história de Jesus, enxergando no coração do homem sua vocação mais radical que não se dá somente no gozo de uma relação amorosa abstrata, porém que a capacita a construir o amor na história.

Conclusão

O diálogo entre Literatura e Teologia, mostra que a fonte inesgotável do amor atua na condição humana, movendo-a rumo a sua missão poética. Experiência que, na pessoa de Jesus, encontra a libertação da liberdade pela graça de *Ágape*, instaurando-se como referência plausível para uma antropologia realizada na experiência de Deus. O presente artigo tentou mostrar como Literatura e Teologia podem reconhecerem que a vida não se faz sem parceria de amor. E como a criação mantém uma abertura a novas buscas sem anular o ser humano ou espantar Deus na eleição de um sujeito enclausurado em si mesmo. De maneira que o corpo de morte encontra sua liberdade na relação dialógica entre a graça cristã e a acolhida livre por parte do homem.

Referências

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1986

Bingemer, Maria Clara. *Teologia e literatura: Afinidades e segredos compartilhados*. Petrópolis: vozes, 2015.

Ferraz, Selma. *Pólen do Divino. Textos de Teologia e Literatura*, Selma Ferraz (org.) Blumenal: Edifurb, 2011.

Freud, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, 1969. Vol. XXI.

Lispector, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Nygren, Anders. *Eros e ágape, la nozione Cristiana dell'amore e le sue trasformazioni*. Bologna: Società Editrice il Mulino, 1971.

Prado, Adelia. *Oráculos de maio*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Ranher, Karl. *Uditori della parola*. Roma: Borla, 2006.

Segundo, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1995.